



BATUQUES DE RESISTÊNCIAS E SILÊNCIOS DO SAMBA  
DE PORTO VELHO/RO: DISCURSIVIDADES NA  
ESCOLA DE SAMBA ASFALTÃO

RESISTANCE BATTLES AND SILENCES FROM  
SAMBA DE PORTO VELHO / RO: DISCURSIVITIES AT  
SAMBA ASFALTÃO SCHOOL

Tiago José Freitas BATISTA<sup>1</sup>

Terezinha Andrade da COSTA<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela UFRJ.

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística pela UFRJ.





## RESUMO

Este é um ensaio transgressor que busca divulgar e fomentar uma agremiação fora do eixo Rio-São Paulo. Trata-se da Escola de Samba Asfaltão, ponto cultural de resistência que opera pelo silêncio na cidade de Porto Velho. Abordaremos utopia, sonho e ilusão de uma comunidade que contra-ataca os devaneios administrativos/ políticos que silenciam a ópera local e amazônica dos desfiles das agremiações daquele lugar. Nos unimos ao discurso estudado/difundido por Eni Orlandi e viajaremos com as asas de uma liberdade de um bloco de sujeitos de uma usina de asfalto que virou agremiação em 1971 nas cores amarelo, preto e branco.

## PALAVRAS-CHAVE

Asfaltão; Carnaval; Porto Velho; Resistências.

## ABSTRACT

This is a transgressive essay that seeks to disseminate and foster an association outside the Rio-São Paulo axis. This is the Asfaltão association, a cultural point of resistance that operates through silence in the city of Porto Velho. We will approach utopia, dream and illusion of a community that counters the administrative / political daydreams that silence the local and Amazonian opera of the parades of the associations of that place. We join the speech studied / disseminated by Eni Orlandi and we will travel with the wings of freedom from a dirty block of an asphalt plant that turned into a group in 1971 in yellow, black and white.





## WORDKEYS

Asfaltão; Carnival; Porto Velho; Resistances.

## INTRODUÇÃO: UTOPIA, SONHO OU ILUSÃO?

O carnaval como conhecemos passa ao longo dos anos por uma série de provações que demandam resistência por parte de quem organiza, ou propriamente gerencia uma agremiação. Muitos são os desafios para as Escolas de Samba do centro sul do país colocaram suas comunidades na avenida, mas e as agremiações da região norte, especificamente de Porto Velho? Como entram e como contra-atacam as adversidades em seus discursos nos desfiles? Aliás, o que discursam? Este ensaio apresenta aspectos de um desfile campeão da capital rondoniense, mas mais do que isso, aponta elementos que inscrevem a agremiação Asfaltão como reduto de sambistas locais que se reúnem entre “utopia, sonho ou ilusão” para fazer o desfile acontecer, ainda que ele não exista de forma oficial. Caminharemos por entre uma narrativa que rompe com o institucional, mascara os problemas políticos com uma narrativa de um reino onde o tigre (símbolo da Escola) que só quer alegria e um “estágio de graça”. Saudando esta gente nortista sambista e nos incluindo dessa forma, dedicamos estes escritos ao Carnaval de Porto Velho e principalmente aos foliões da comunidade de Santa Bárbara (com uma licença transgressora). Solta o tigre, toca pura raça!

### 1. VERBA PÚBLICA X CARNAVAL LOCAL

Nos anos de 2013, 2014 e 2015 a cidade de Porto Velho não realizou os desfiles das Escolas de Samba, para o ano de 2016, jogando com a linguagem, a agremiação Asfaltão, “desacredita” (gesto de interpretação nosso), lança o enredo



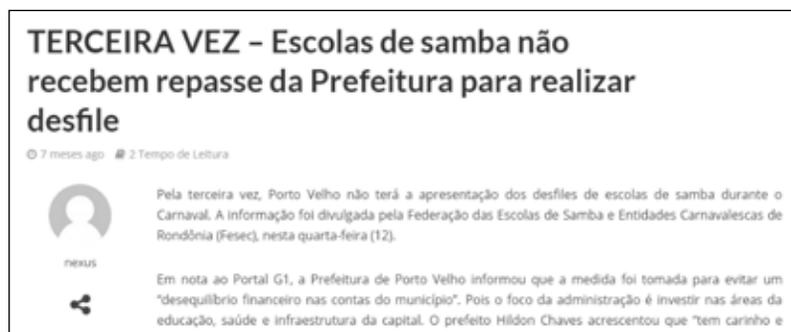


“Não sei se é utopia, sonho ou ilusão... Vou cumprir minha missão!”, de autoria de Silvia Pinheiro. Logo no título da narrativa compreendemos um funcionamento que institui o discurso de que a agremiação cumprirá sua missão independentemente da realização ou não de mais uma edição do evento. Orlandi (2015, p. 13) baliza nosso gesto interpretativo porque “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Para a autora (idem)

Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significa-se. A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive.

Devemos apresentar as condições de produção para a não realização dos desfiles de 2013 à 2015: o político, o institucional. O poder público, que deve destinar verba para o fomento da cultura local, opinou e decidiu suspender os recursos financeiros para que a opinião pública fosse atendida.

### Imagem 1 – Cancelamento dos desfiles



Disponível:<https://orondoniense.com.br/terceira-vez-escolas-de-samba-nao-recebem-repasse-da-prefeitura-para-realizar-desfile/>





As relações de força e poder dos governantes para com o carnaval das Escolas de Samba de Porto Velho são jogos em que se enaltece a desvalorização do gesto artístico de suas comunidades. A promoção desse ato instaura uma posição discursiva: a da autoridade que tem o “poder” da caneta.

Segundo as relações de força, o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa. Assim, importa se falamos do lugar de presidente, ou de professor, ou de pai, ou de filho etc. Cada um desses lugares tem sua força na relação de interlocução e isto se representa nas posições sujeito. Por isso essas posições não são neurais e se carregam do poder que as constitui em suas relações de força. (ORLANDI, 2006, p. 18).

O tigre do bairro de Santa Bárbara, “mordido” e “bolado” com a desesperança de mais um ano ficar sem pisar na passarela do samba Edson Fróes, também se posicionou e anunciou um enredo violador, não canônico, fugindo do didatismo histórico e até mesmo da sua “pegada” regional, que não deixou de aparecer, mascarado com um tom afiado exposto através da linguagem do enredo e do samba.

Embalados pela frase Orlandiana: “o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2015, p.15), vamos caminhar por entre a principal proposta discursiva da agremiação, que como já dissemos conseguiu desfilar na avenida e conseguiu o campeonato. Trechos do samba-enredo de autoria de Mávil Melo e Waldison Pinheiro estarão em nossas análises.





## 2. 2 FANTASIAS E SILÊNCIOS: RESISTÊNCIAS

Imagem 2– O tigre do Asfaltão



Disponível: <https://portalespigao.com.br/desfile-das-escolas-de-samba-de-porto-velho-e-adiado-novamente/>

### **Trecho 01:**

*Eu ganho asas na avenida e  
eu não seise é Utopia, sonho ou ilusão...*

O abre-alas da agremiação apresenta um tigre coroado e com asas, asas que também aparecem na letra do samba. As asas querem voar pela avenida num estágio de liberdade. É um mecanismo de acontecimento que concede o tom de todo o desfile. Instaure-se, dessa forma, a noção de liberdade para quem esteve preso durante três anos. “Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo como acontecimento” (ORLANDI, 2015, p. 17).

Um algoritmo da linguagem se instaure: ASAS é LIBERDADE. Isso é nítido porque “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós





carregadas de sentido que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2015, p. 18).

**Trecho 02:**

*Meu tigre sonhou me levou, irradiando paixão.  
Pra terra do nunca, utopia, fantasia, nova civilização.*

Neste trecho o sujeito tigre, constituído por sua comunidade, não quer mais esta “prisão” de não desfilar e clama por um mundo ou por uma terra que nunca existiu. Será utopia, ou fantasia ter carnaval todos anos em Porto Velho? O sujeito clama por uma nova civilização. Nossa interpretação é possível porque

Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: que isto quer dizer? Nesse movimento da interpretação os sentidos aparecem-nos como evidência, como se estivesse já sempre lá (ORLANDI, 2015, p. 43).

A evidência “UTOPIA” pelo algoritmo da linguagem aparece como regularidade discursiva. Será utopia ter desfiles em Porto Velho? Há uma proibição institucional que o rei tigre (coroadado) pretende não mais seguir/silenciar.

<b>Realização de desfiles em Porto Velho</b>	
<b>Ano</b>	<b>Teve carnaval?</b>
2013	Não
2014	Não
2015	Não
2016	Sim
2017	Não
2018	Sim
2019	Não
2020	Não





Institui-se a evidência da crítica ao sistema político local. Tal análise se configura também nos trechos do samba a seguir:

**Trecho: 03**

*É imaginação sem receio, nesse doce devaneio,  
Sou mensageiro e vim brincar com a ilusão!  
Tremulou a bandeira do meu asfaltão!*

A agremiação caminha por esse doce devaneio de brincar com a ilusão de ter carnaval, e como resistência tremula sua bandeira, finca seu pavilhão na não institucionalização da festa carnavalesca municipal. Esse trecho e o próximo (04) se inscrevem no que analisamos como efeito metafórico:

**Trecho 04**

*Sociedade perfeita, partilhando da colheita.  
Fadas e Anjos orquestrais.  
Pierrô (ôôô), Arlequim e Colombina, (ôôô) com Rei Momo em cada esquina.  
Carmem Miranda comandando a festança!  
O bem vence o mal, no meu carnaval, tem girassóis de paz e esperança.*

Não há sentido sem metáfora. É pela metáfora que elementos significantes passam a se confrontar de modo que se revestem de sentido (ORLANDI, 1999). O sentido existe exclusivamente (PÊCHEUX, 1995) nas relações de metáfora – realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos e etc – das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório (ORLANDI, 2017, p. 104).

Bailamos com as metáforas do Asfaltão por um carnaval eterno quem há fadas, anjos, pierrôs, alerquins, colombinas, em cada esquina embalados





por Carmem Miranda. Um outro algoritmo se instala: o bem (o carnaval), vence o mal (a política/o Estado, o poder).

### **Trecho 05**

*Somos poetas, sonhadores e profetas, (ôôôôôô) em novos ares a respirar.*

Neste reino do Carnaval de um lugar que não existe oficialmente esquecido e silenciado, existe uma corte de poetas, sonhadores e profetas que resistem as regulações do Estado.

A arte de anestesiar as resistências, de absolver as revoltas no consenso e de fazer abortar as revoluções fez certamente grandes progressos. Mas tudo isto não deixa de trabalhar menos sob o assujeitamento: é sobretudo a capacidade de ouvi-lo que persiste em fazer politicamente falta (ORLANDI, 2017, p. 122).

No processo se resistência há o sentido operando em silêncio. O silêncio é assim a “respiração” da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito. (ORLANDI, 2007, p. 13).

Operando pelas vias do silêncio e impondo resistência, a agremiação sempre realiza seus desfiles em sua comunidade, com concentração na Tenda do Tigre (bairro de Santa Bárbara), independente da realização oficial ou não:





Imagem 03 – Asfaltão desfile em sua comunidade.

### **Família Asfaltão desfila em sua comunidade**

"...Sou Tigre, sou Forte, Valente, Guerreiro, não me leve a mal, trilhando nesse carnaval..."

Disponível: <https://www.tudorondonia.com/noticias/familia-asfaltao-desfila-em-sua-comunidade,44734.shtml>

A família inserida no material jornalístico nasceu de um grupo de funcionários de uma usina de asfalto da cidade de Porto Velho. Após um dia de trabalho, os colaboradores desceram a avenida 7 de setembro num dia de carnaval com seus corpos sujos de piche, com pás, picaretas e vassouras nas mãos, brincando num verdadeiro cortejo de bloco de sujos. Nascia então a maior agremiação da cidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: REALIDADES PARA ALÉM DE UM DESFILE**

Imagem 03 – Comunidade de Santa Bárbara



Disponível: <https://www.tudorondonia.com/noticias/familia-asfaltao-desfila-em-sua-comunidade,44734.shtml>





Para além de homenagear a resistência das agremiações de todo o Brasil sobre o fazer/desfilar carnaval, este ensaio presta homenagem também a todos os trabalhadores do samba que se unem em uma irmandade especial que não está no tempo, nem no dinheiro, nem no resultado das notas. Queremos estampar no firmamento a luta de todas as Escolas de Samba que não estão nas transmissões de televisões, que não contam com dinheiros de cotas de patrocínios e que não figuram como “destaque” narrativo de ordem nacional, mas que figuram no local dada a sua importância de existência. Este é um ensaio de conexão, de aproximação, que não pretende concluir, mas sim aproximar olhares e instigar que novos pesquisadores abram as asas sobre os desfiles considerados de “menor porte”.

Num espaço ideológico que cabe num ensaio científico, enaltecemos aqui a transgressão da agremiação nortista Asphaltão, de sua comunidade e de um tigre que faz morada numa tenda onde os tambores rugem alto, como num clamor para que as autoridades enxerguem a importância do espetáculo cultural das agremiações de Porto Velho. “Somos todos pura raça” e vamos sempre cantar!

## REFERÊNCIAS

ORLANDI, Eni. **Discurso e Textualidade**. Campinas: Editora Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Editora Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise: Sujeito, sentido e ideologia**. Campinas: Editora Pontes, 2017.

